



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

I. IDENTIFICAÇÃO

- **Título do trabalho:** A cosmologia Indígena em diálogo com a saúde coletiva na promoção da saúde e preservação da cultura

- **Bolsista :** Isabella Guljor Vicente

- **Orientador :** Marcelo Firpo Porto

- **Co-orientador(es) :** Marina Tarnowski Fasanello e Diogo Ferreira da Rocha

- **Unidade / Departamento / Laboratório ou Núcleo ou Programa :** ENSP / CESTEJ / NEEPEJ

- **Programa ao qual está vinculado:** PIBIC

- **Área de conhecimento :** saúde coletiva, saúde e ambiente, promoção da saúde, saúde indígena

- **Data de Início no Programa:** 08/2021 (19 meses)

- **Palavras-Chave :** Promoção emancipatória da saúde, territórios saudáveis e sustentáveis, diálogos interculturais, povos e comunidades tradicionais, agroecologia

- **Universidade/Curso de Graduação :** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) / Ciência Política

II. INTRODUÇÃO

Esse subprojeto foi definido inicialmente como parte da pesquisa “*Desenvolvimento, sustentabilidade e promoção emancipatória da saúde do povo Munduruku no Médio Tapajós: diálogos interculturais e formação de rede de agroecologia indígena para enfrentar as ameaças do garimpo e outros conflitos ambientais*”, coordenada pelo professor e pesquisador

Dr. Marcelo Firpo Porto, do Núcleo de Ecologias, Epistemologias e Promoção de Saúde Emancipatória da Saúde (NEEPES/ENSP/FIOCRUZ).

O projeto PIBIC propõe a contribuir para a produção de conhecimentos na interface entre a saúde coletiva e as ciências sociais sobre questões relativas ao Eixo II do projeto intitulado “A perspectiva cosmológica Munduruku sobre alimentação, o rio e os peixes da região na confrontação com as restrições de consumo recomendadas pela OMS e Fiocruz diante dos achados recentes sobre contaminação de Hg (mercúrio)” (PORTO, 2021).

Segundo RAMOS (2003) o povo Munduruku habita diferentes territórios dentro da fronteira nacional brasileira devido à dispersão causada pelo processo de colonização do Brasil. No que diz respeito ao território do médio Tapajós, o garimpo ilegal tem afetado diretamente o seu modo de vida, contaminando o solo, a água e, conseqüentemente, seus alimentos, impactando violentamente seus hábitos ancestrais e sua relação com a natureza.

Ao longo de 2022, no contexto da transição pós-pandemia, houve uma ampliação do escopo da pesquisa no NEEPES sobre promoção da saúde, segurança e soberania alimentar em territórios indígenas. Primeiro, uma maior aproximação com o projeto em parceria com a Fiocruz Pernambuco denominado ‘Promoção da saúde em territórios indígenas no semiárido por meio de saberes e práticas tradicionais’, o qual é financiado pelo edital Inova Saúde Indígena e trabalha com duas etnias principais, os Tingui-Botó em Alagoas e os Xukuru de Pernambuco. A outra co-orientadora da bolsa PIBIC, Marina Fasanello, faz parte da coordenação desse projeto no Nordeste.

Segundo, ocorreu a aprovação de um projeto de emenda parlamentar para vigorar entre 2023/24 sobre ‘Diálogos interculturais e compartilhamento de experiências sobre agroecologia em terras indígenas’, coordenado por Marcelo Firpo Porto. Este projeto tem duas vertentes, uma que dá continuidade ao anterior com o Povo Munduruku no Médio Tapajós para o desenvolvimento de planos agroecológicos por aldeia; e outra com organização de quatro oficinas regionais para a sistematização de experiências e saberes sobre agroecologia em terras indígenas. Essas oficinas serão apoiadas por organizações nacionais e regionais de agroecologia (ANA e ABA) e indígenas (APIB, APOINME, COIAB...), dentre outros.

Portanto, no período de 2023 a 2024, serão agregadas atividades da bolsista Pibic no sentido de apoiar pesquisas bibliográficas e acompanhar a realização e organização de alguns eventos

virtuais ou presenciais (quando no Rio de Janeiro) de interesse relacionados aos projetos mencionados.

III. OBJETIVOS

OBJETIVO PRINCIPAL

O objetivo geral do projeto será compreender os princípios, bem como diálogos interculturais que orientam a produção de alimentos em territórios indígenas, analisando conexões possíveis entre a saúde coletiva (principalmente as áreas de saúde e ambiente, e promoção da saúde) e as ciências sociais, com foco nas discussões sobre conflitos ambientais e interculturalidade. Esse objetivo acompanhará os projetos em andamento do orientador e do Neepes sobre o povo Munduruku do Médio Tapajós, o Semiárido e as oficinas de compartilhamento de experiências de agroecologia em terras indígenas.

Objetivos específicos:

- Realizar um levantamento bibliográfico sobre a questão indígena e os conflitos ambientais no Médio Tapajós;
- Identificar, através de pesquisa documental, por mídias audiovisuais e artigos científicos a história do Médio Tapajós e de seus povos no que se refere a ocupação e conflitos ambientais;
- Apoiar a coleta de informações e registros dos pesquisadores do NEEPES junto aos territórios indígenas envolvidos com os projetos.
- Participar das atividades virtuais de organização e realização, quando possível e necessário, de oficinas dos projetos.
- Apoiar a produção e realização de atividades de divulgação científica do processo e dos resultados da pesquisa.
- Produzir um artigo de revisão bibliográfica sobre a produção de alimentos, com foco na interface entre saberes e práticas tradicionais e agroecológicos..

IV. METODOLOGIA

A metodologia se dará principalmente por revisão bibliográfica, documental e de mídias audiovisuais, criando um banco de dados a ser sistematizado em planilha excel e googledrive por análise de conteúdo. A bolsista também colaborará em atividades de transcrição e organização de entrevistas e coletas de dados presenciais a serem realizadas pelos pesquisadores do NEEPES.

V. OBJETIVOS ALCANÇADOS DO SUBPROJETO DO BOLSISTA

Todos os objetivos estão em andamento e estão sendo amplamente trabalhados. O levantamento bibliográfico foi levantado, onde os oito textos obtidos por pesquisa bibliográfica foram privilegiados para a produção do artigo que desenvolve a relação entre saúde, território e cosmovisão do povo indígena Munduruku. Aliado à bibliografia, houve a participação em oficinas virtuais com os membros da equipe de pesquisa e do povo Munduruku, que auxiliaram a bolsista na compreensão da história do povo Munduruku e os conflitos territoriais no médio e alto Tapajós.

Como bolsista, também houve o apoio na produção de documentos que contribuem para entender a vulnerabilidade do povo Munduruku frente aos problemas de saúde, ligados diretamente aos territórios, pela contaminação dos rios e peixes pelo garimpo ilegal e as disputas territoriais com garimpeiros, que colocam a vida dos Munduruku em ameaça constante.

Apenas dessas ações, não participei tanto quanto gostaria das atividades virtuais de construção do processo de inserção no campo da pesquisa principal, porque a análise documental foi priorizada e levou mais tempo do que o inicialmente previsto.

Além disso o período da pandemia teve implicações não apenas de trabalho, mas também do ponto de vista psicossocial com repercussões na realização das tarefas previstas.

VI. RESULTADOS

Para discutir saúde indígena, é preciso entender a relação direta entre saúde, território e a cosmovisão, nesse caso, do povo Munduruku do médio e alto Tapajós. São pilares inseparáveis que, um afetado, prejudica a subsistência e a manifestação cultural do povo. Foi com essa perspectiva, que o trabalho de pesquisa foi voltado, desde a seleção bibliográfica à produção do artigo.

Para isso, foi necessário o diálogo com os Munduruku, para eles contarem sua própria narrativa sobre a realidade deles e suas perspectivas frente às ameaças que vem sofrendo sistematicamente. Foram feitas oficinas virtuais, as quais pude participar como ouvinte e assim, aprender para participar das seguintes produções.

Foi feita uma coleta de dados do povo indígena Munduruku a partir de questionários que sintetizaram a realidade material vivida por eles. Ajudei na transcrição desses documentos para a forma virtual no programa de Excel, o que foi enriquecedor, mas também conflituoso para mim, pois pude ver de forma objetiva as consequências que a negligência do Estado tem causado entre as populações indígenas, incluindo conflitos internos.

O levantamento bibliográfico foi de suma importância. Nos artigos selecionados, abrange a relação dos povos indígenas com o ouro e a complexidade desse assunto, levando em consideração a realidade dos indígenas que por vezes, se tornam reféns da prática do garimpo. Artigos que abrangem a saúde contrapondo o antigo e o novo, o que faz ou não parte das vivências Munduruku e seu contato com a medicina hegemônica ocidental, são essenciais na construção da narrativa que queremos mostrar. Além disso, textos escritos por próprios indígenas Munduruku falando sobre sua história e territórios, foram primordiais para esse projeto que valoriza a autonomia e a ciência dos povos originários.

Agora, depois de muita pesquisa, diálogo e troca de saberes, estamos no processo de produção do artigo que vai procurar demonstrar essas questões citadas, relacionando-as e mostrando sua ligação direta uma com a outra, sob a perspectiva do povo Munduruku, não da ciência hegemônica da academia.

Durante esse período como bolsista, tive muitos aprendizados, tanto sobre o objeto de pesquisa, quanto sobre ser uma estudante de iniciação científica. Entendi as demandas do povo indígena Munduruku, sua cosmovisão e a importância da defesa de seus territórios, autonomia e autodeterminação, além de ter amadurecido meu olhar durante o processo.

ACRESCENTAR ATIVIDADES OUTRAS LIGAS À APIB, Terra Livre, visita militantes e de assessoria a certos territórios, como um conjunto de atividades importantes que vêm contribuindo para melhor entender a questão indígena no país.

VII.CONCLUSÕES

Ao longo do protejo, alcancei diversos objetivos e avancei para a conclusão do objetivo principal. Gostaria de ressaltar que o levantamento bibliográfico foi de suma importância para o prosseguimento do projeto, pois me deu a base necessária para acompanhar a equipe de pesquisa e poder somar nas tarefas demandadas.

Outra questão importante para minha evolução quanto ao conhecimento referente ao povo indígena Munduruku, foi poder acompanhar os cursos e oficinas que acompanhei a desejo do orientador Marcelo Firpo. Até o momento, estou ajudando na produção do artigo final, onde estou usando dos conhecimentos anteriormente adquiridos para o processo.

Além disso, as diversas vivências que tive durante o último ano com diversos povos indígenas, ampliaram meu conhecimento e pude dialogar os saberes dentro e fora da academia. Fui em território indígenas demarcados e não demarcados, em diferentes contextos, mas onde todos resistem para manterem seus costumes e identidades.

Fundir o saber teórico e prático, acadêmico e não acadêmico, é um diferencial que me orgulho de ter desenvolvido. Concluo dizendo que todos os passos que dei, estão me guiando para o meu objetivo pessoal de aprendizado e, apesar de já ter vivenciado o suficiente para estar satisfeita com os meus ganhos, sei que tenho muito mais pela frente e gostaria de continuar seguindo esse caminho.

BIBLIOGRAFIA :

SCOPEL, Daniel. Uma Etnografia Sobre a Pluralidade De Modelos De Atenção à Saúde Entre os Índios Munduruku Na Terra Indígena Kwatá Laranjal, Borba, Amazonas: práticas de autoatenção, xamanismo e biomedicina. Florianópolis, 2003 ;

Aline Fonseca Iubel, «Terras de Ouro: Narrativas e experiências indígenas e não indígenas acerca do

garimpo de ouro na Amazônia Brasileira», Anuário Antropológico [Online], v.45 n.1 | 2020, posto online

no dia 27 janeiro 2020, consultado o 27 abril 2021. URL: <http://journals.openedition.org/aa/4995> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.4995>;

SCOPEL, Daniel; DIAS-SCOPEL, Raquel; LANGDON, Esther Jean. A cosmografia Munduruku em movimento: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia brasileira. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 13, n. 1, p. 89-108, jan.-abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222018000100005>. Autor para correspondência: Daniel Scopel. Instituto Leônidas e Maria Deane/Fundação Oswaldo Cruz. Rua Terezina, 476 – Adrianópolis. Manaus, AM, Brasil. CEP 69057-070 (daniel.amazonia@gmail.com). ORCID <http://orcid.org/0000-0001-7074-5241> ;

ROCHA, B.C. & LOURES, R.S.P. 2020. A expropriação territorial e o Covid-19 no Alto Tapajós, PA. In: Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Eriki Aleixo de Melo (Orgs.). Pandemia e Território. São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020. pp. 337-367;

SCOPEL, Daniel; DIAS-SCOPEL, Raquel; LANGDON, Esther Jean. Gestaçã Parto e Pós-Parto Entre os Munduruku da Amazônia: confrontos e articulações entre o modelo médico e hegemônico e as práticas indígenas de autoatenção. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n1p183>

COSTA, Nathália Martins Peres. Estudo Etnoterminológico Preliminar do Sistema de Cura e Cuidados do Povo Munduruku (Tupí). Brasília, 2013;

MUNDURUKU, Jair Boro. Caminhos Para o Passado: oca'õ, agõkabuk e cultura material Munduruku. Santarém - PA, 2019;

MATÉRIA ENCAMINHADA PARA PUBLICAÇÃO

O artigo previsto encontra-se em elaboração e ainda não foi submetido para publicação.

PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO

O projeto está caminhando bem e com a renovação da bolsa, poderei concluir o trabalho iniciado, além de aprofundar outros tópicos que serão discutidos junto aos meus orientadores. Mais pesquisa será investida na parte documental e no audiovisual, que ficaram em segundo plano nesse período.

OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PERÍODO:

Presença na mobilização indígena Luta Pela Vida e na 2ª Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília, no período de 20/08 à 13/09 de 2021; Disciplina “Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde” NEEPS, 16/09 a 09/12/2021; Vivência no Território Indígena Laklanõ Xokleng – SC, entre outubro e novembro de 2021; Colaboração no documentário Vãnh Gõ Tõ Laklanõ, novembro de 2021; Curso “A Saúde Coletiva em Diálogo com as Epistemologias do Sul”, NEEPS.14/02 a 18/02/2022 de fevereiro, 2022 via Zoom; Presença na mobilização indígena Acampamento Terra Livre (ATL) do dia 04 a 14 de abril de 2022; Vivência no Território Indígena Xucuru, Brasília – DF nos dias 14 a 18 de 2022; Presença na Retomada do Território Indígena Cunhambebe Pindorama em Mangaratiba- RJ, entre maio e agosto de 2022; Conferencista no V Congresso de Diversidade e Interculturalidade de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense (UFF) de Angra nos dias 09, 10 e 11/06 de 2022; Palestrante na mesa “Corpos Indígenas Dentro das Instituições” da Faculdade Maria Thereza (FAMATH) – Niterói, RJ 20/05 de 2022; Expus minhas fotografias do movimento indígena no Festival ELAS, na FUNARTE – Belo Horizonte, MG em 23/07 de 2022 e no Fórum Cultura e Diversidade na Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro – RJ em 28/09 de 2022; Presença no Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI) em Campinas- SP nos dias 26 a 29/07 de 2022; Presença no Congresso “Comunicação – A Nova Arma dos Povos Originários da Amazônia” da Mega Brasil em São Paulo – SP, em 18/08 de 2022; Presença na Conferência Internacional Inclusão Pela Paz e Terra, do Instituto Lula em 03/11 de 2022; Presença no 2º Congresso de Brasileiro de Cultura, no Rio de Janeiro – RJ, em 15/12 de 2022; Vivência nas aldeias Tukano, Guajajara e Kariri Xocó em Brasília – DF em janeiro de 2023; Presença na posse da Ministra Sônia Guajajara do Ministério dos Povos Indígenas, Brasília – DF em 11/01 de 2023.

AVALIAÇÃO:

Ser uma estudante de iniciação científica da Fiocruz é uma conquista por si só, porém estar nesse espaço em um projeto que me identifico, me completa para além da academia. Atuar em diversos contextos como ativista da causa indígena, me trouxe uma bagagem de experiências ímpares e dialogar tais experiências com saberes de uma instituição tão importante, principalmente para populações vulnerabilizadas, acopla muitas riquezas para o meu crescimento pessoal e profissional.

Meus orientadores no projeto anterior, Marcelo Firpo e Diogo Ferreira, dentro das demandas do projeto, me permitiram ampliar meus saberes e acrescentá-los na minha formação com acadêmica de Ciência Política, mas também como pessoa, entendendo que se faz necessário fundir os saberes originários com os institucionais para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Me aprofundar sobre as demandas do povo indígena Munduruku, entre textos, oficinas e vivências, me permitiu entender o presente e abrir os olhos para o futuro. Entre reuniões e construções, presenciei o que julgo primordial para a nossa evolução como seres humanos, que é a compreensão da realidade material e a partir desse ponto, a promoção e emancipação desses povos, que é um ponto de partida para outras pautas necessárias, como a defesa dos territórios e a preservação dos biomas brasileiros.

Por isso, me sinto orgulhosa de participar de algo grandioso como esse projeto, que além de respeitar, valoriza a interculturalidade e supera os preconceitos existentes entre os acadêmicos quanto às populações indígenas e sua produção de ciência. Até agora, cada passo que dei para somar como uma PIBIC no projeto, entre levantamentos bibliográficos e planilhas de excel, presença em cursos, congressos etc. tem me guiado não só para o objetivo final desse projeto, como também para os meus objetivos pessoais, que são coletivos.

APOIO: Fiocruz e CNPQ

OBSERVAÇÃO:

Não houveram mudanças nos objetivos do projeto. Esses foram concluídos ou estão em andamento, havendo apenas alteração na ênfase dada a cada objetivo específico.